

IMAGENS DA/NA PESQUISA QUALITATIVA: A EXTENSA POSSIBILIDADE DE PESQUISAR

IMAGES OF/IN QUALITATIVE RESEARCH: THE EXTENSIVE POSSIBILITY OF RESEARCH

Célia Beatriz PIATTI
PPGEdu/UFMS
celiabpiatti@gmail.com

Resumo. Neste trabalho, entende-se que, entre tantos procedimentos selecionados para compor a metodologia de um estudo, utilizada na pesquisa qualitativa, a coleta de dados por meio da leitura de imagens paradas, utilizando-se da teoria semiótica é interessante e pode trazer um material rico para análise, uma vez que as imagens permitem ao pesquisador provocar no sujeito da pesquisa sensações, sentimentos, percepções de lugares e de pessoas para uma compreensão do objeto de estudo e seus matizes. Cabe ressaltar que a discussão referente ao uso de imagens nas pesquisas qualitativas envolve diferentes pontos a serem alvo de reflexão e debate, porém estamos, neste trabalho, abordando seu uso e valor na perspectiva de ampliar e oferecer outras formas de o sujeito pesquisado revelar questões que permeiam o campo em estudo.

Palavras chave: Semiótica. Imagens. Pesquisas qualitativas.

Abstract. In this work it is understood that among the many procedures selected to compose the methodology of a study used in qualitative research, the collection of data through the reading of still images using semiotics is interesting and can bring a rich material for analysis, since the images allow the researcher to provoke in the subject of the research sensations, feelings, perceptions of places and people for an understanding of the object of study and its nuances. It should be emphasized that the discussion regarding the use of images in qualitative research involves different points to be the subject of reflection and debate, however we are in this work, approaching its use and value in the perspective of expanding and offering other ways for the subject to reveal issues that permeate the field under study.

Keywords: Semiotics. Images. Qualitative research.

Questões introdutórias

A pesquisa científica é a possibilidade de compreender diferentes fenômenos e, portanto, construir novos conhecimentos em diversas áreas; nessa condição, o pesquisador busca vias para encontrar respostas que possam elucidar suas dúvidas e apontar caminhos para a produção de novos conhecimentos. Nessa busca, o caminho metodológico traçado deve ser bem delineado para atingir o objetivo que o pesquisador almeja na caminhada.

A pesquisa nas ciências humanas e sociais se propõe a entender os sujeitos e seus contextos, suas histórias, trajetórias de vida e profissão, seu cotidiano e

outras questões que permeiam seus caminhos. Uma possibilidade está na pesquisa qualitativa, pois se preocupa mais com a interpretação aprofundada do fenômeno e não com a quantificação. Entender sujeitos e contextos é interpretar situações para além da quantificação, é explicar muito mais do que descrever, é preocupar-se com o processo e não apenas com o produto, é enxergar além das aparências e retornar sempre à origem do fenômeno.

Frente a essa questão, a pesquisa qualitativa apresenta meios ao pesquisador para reconhecer seu objeto de análise em diferentes perspectivas; possibilita perfilar caminhos que mostrem as formas de vida de sujeitos em espaços e tempos, estilos de vida, histórias de sociedades, culturas e identidades, manifestações presentes em diversos momentos da vida humana com possibilidades de propor mudanças abalizadas no que foi alvo de investigação.

A partir de pensar a pesquisa e suas possibilidades, neste trabalho, entende-se que, entre tantos procedimentos selecionados para compor a metodologia de um estudo utilizados na pesquisa qualitativa, a coleta de dados por meio da leitura de imagens paradas, utilizando-se da semiótica, é interessante e pode trazer um material rico para análise, uma vez que as imagens permitem ao pesquisador provocar no sujeito da pesquisa sensações, sentimentos, percepções de lugares e de pessoas para uma compreensão do objeto de estudo e seus matizes.

Cabe ressaltar que a discussão referente ao uso de imagens nas pesquisas qualitativas envolve diferentes pontos a serem alvo de reflexão e debate, porém estamos, neste trabalho, abordando seu uso e valor na perspectiva de ampliar e oferecer outras formas de o sujeito pesquisado revelar questões que permeiam o campo em estudo.

Para essa reflexão, discute-se o uso da imagem na pesquisa qualitativa para além de mera ilustração, vislumbrando-o como uma ferramenta metodológica que apresenta uma riqueza de leitura em seu conjunto de informações. Para tanto, cabe indagar: as imagens podem servir como instrumento de análise? Elas podem oferecer respostas ao pesquisador sobre o objeto de estudo? O que as imagens propiciam para análise de fenômenos a serem pesquisados? Com certeza, são muitas as indagações, também diferentes respostas e novas indagações podem surgir, pois se considera que esse campo é vasto, há muito que explorar.

Não se pretende aqui esgotar o tema, mas trazer ilustrações de uma tese de doutorado que utilizou, entre os instrumentos de análise, as imagens que trouxeram respostas profícuas ao pesquisador e compuseram o estudo realizado.

A imagem: uso na pesquisa qualitativa

A imagem está presente em tempos mais remotos da história, portanto é universal, pois diferentes sociedades a utilizaram e utilizam para deixar suas marcas históricas. Frente à história da evolução humana, sabe-se que o homem iniciou a escrita por meio do desenho, de marcas gráficas, em várias épocas, tempos e espaços; mesmo com diferentes objetivos, revelou o seu dia a dia, o seu trabalho, a vida em comunidade, as adversidades vivenciadas, a luta pela sobrevivência, o que traz a possibilidade de reconhecer as imagens como fonte de conhecimento, de descobertas, de comunicação e, portanto, ricas em informações. Porém, quando se trata de ciência, ficou desprezada e foi pouco explorada, uma vez que, principalmente nas ciências humanas e sociais, na busca pelo rigor científico, os documentos escritos foram privilegiados, tratados com mais *status*, considerados mais importantes e validados. Considera-se que a imagem fala muito ao interlocutor, ela permite diferentes interpretações, leituras e decodificações, sendo, portanto, um recurso possível de ser utilizado em estudos com abordagem de pesquisa qualitativa.

Ao considerar que vivemos num mundo de imagens, elas representam um artefato visual com possibilidade de interpretação sobre diferentes aspectos e realidades. As imagens produzem impacto e expressam estilos e épocas, histórias e culturas; seu campo é vasto, desde a fotografia, o cinema, as gravuras, as obras de arte, entre outras, compondo fontes de análise e oferecendo ao pesquisador possibilidades de encontrar os sentidos atribuídos pelo sujeito pesquisado a um determinado contexto ou objeto.

A imagem é uma forma de linguagem cuja especificidade é traduzida pelos signos linguísticos, que podem ser analisados, possibilitando ampliar os dados da pesquisa, fornecendo subsídios ao pesquisador sob diferentes aspectos. Ancorado nos estudos aprofundados de Barthes (1984), Penn (2002) aponta que, embora as imagens, objetos e comportamentos possam trazer significados, elas não o fazem

isoladas, há sempre uma mistura linguística, ou seja, um texto acompanha uma imagem, ou a imagem acompanha um texto, o que resulta em afirmar, que “um sistema de signos necessita da mediação da língua” (PENN, 2002, p.321).

Gaskell e Bauer (2011), também com apoio nos estudos semiológicos de Barthes (1984), abalizaram a relação intrínseca entre imagem e palavra, ao considerar a característica polissêmica da imagem, a qual apresenta o discurso verbal, seja para comparação da descrição do objeto visual, seja para compor o cenário da memória que a ela desperta, o que resulta na infinidade de narrativas que essas imagens suscitam. Disso, conclui-se que as interpretações de imagens realizadas são geradoras de sentidos e significados capazes de fornecer ao pesquisador dados para a análise que busca revelar.

A imagem pode servir como elemento mediador entre pesquisador e pesquisado, tendo como meta as intenções do pesquisador para responder ao que se busca em sua análise, isto é, o uso da imagem na pesquisa possibilita ao pesquisador aprofundar aspectos da pesquisa para além do discurso oral produzido. Porém, essa é uma questão que põe em jogo o uso da imagem em pesquisas, pois se indaga: a sua utilização está vinculada ao uso da palavra, ou elas podem sozinhas serem utilizadas para interpretar um fenômeno? As imagens podem ser um procedimento analítico?

Entende-se que

As imagens diferem da linguagem de outra maneira importante para o semiólogo: tanto na linguagem escrita, como na falada, os signos aparecem sequencialmente. Nas imagens, contudo, os signos estão presentes simultaneamente (BAUER e GASKELL, 2011, p.322).

Segundo Penn (2002), a semiologia provê ao analista um conjunto de instrumentais conceituais para uma abordagem sistemática dos sistemas de signos, a fim de descobrir como elas produzem sentido. A autora segue afirmando que, ao selecionar uma imagem, é preciso dar valor ao termo dentro de um contexto, ou seja, a imagem deve trazer significado para quem se destina.

Penn (2002, p.321), ao citar Barthes (1984), aponta que, embora “as imagens, objetos e comportamentos podem significar e, de fato, significam, eles nunca fazem isso autonomamente”, pois todo sistema semiológico possui sua mistura linguística.

O sentido de uma imagem visual é ancorado pelo texto que a acompanha e pelo *status* dos objetos, visto que os sistemas de signos necessitam da mediação da língua, que extrai seus significantes e nomeia seus significados (PENN, 2002, p.321).

Penn (2002) assevera que o “processo de análise pode ser descrito como uma dissecação seguida pela articulação ou a reconstrução da imagem sistematizada” (PENN, 2002, p.325). A autora afirma que o objetivo é tornar explícitos os conhecimentos culturais necessários para que o leitor compreenda a imagem.

Ao organizar a análise de imagens em estágios, Penn (2002) contribui para que o pesquisador compreenda as etapas necessárias e possíveis para utilização de imagens paradas e explica que, no primeiro momento, escolhe-se imagem para ser analisada. Nesse estágio é preciso ficar atento, pois a escolha dependerá do objetivo do estudo e da disponibilidade do material; no segundo, inventário denotativo, identificam-se os elementos no material, sendo cuidadoso para não desprezar nem o texto nem a imagem, pois ambos são importantes na análise; no terceiro estágio, analisam-se os níveis de significação mais altos. A análise é construída a partir do inventário denotativo e irá fazer a cada elemento uma série de perguntas relacionadas. “O que tal elemento conota? Como os elementos se relacionam uns com os outros? Que conhecimentos culturais são exigidos a fim de ler o material”? (PENN, 2002, p.331).

A autora afirma que “o processo de análise nunca se exaure e, por conseguinte, nunca está completo. Ou seja, é sempre possível descobrir uma nova maneira de ler uma imagem, ou um novo léxico, ou um sistema para aplicar a imagem” (PENN, 2002, p.331-332). Portanto, conforme essa pesquisadora, não há uma maneira única de apresentar os resultados de análise semiológica. Podem ser por meio de tabelas ou enfoque mais discursivo. O ideal é que as análises apresentadas como referência a cada nível de significação identificado, tanto na imagem como no texto, permitam reconhecer o conhecimento cultural exigido a fim de produzir a leitura.

O último estágio para análise de imagens, que antecede a análise propriamente dita, é a seleção da forma como será organizada, sendo possível

apresentá-la por meio de tabela, texto ou estrutura, o que dependerá da organização do pesquisador e de seus interesses investigativos.

A forma de apresentação de uma imagem ao pesquisado é um procedimento cuidadoso e rigoroso no sentido de fornecer caminhos para a interpretação, e seu emprego na pesquisa qualitativa permite ao pesquisador reconhecer aspectos da investigação para além do discurso produzido pelos sujeitos. Os olhares desses sujeitos podem trazer múltiplas ideias para compreensão da imagem, que podem gerar discursos ricos para interpretação do que se vê. Nesse sentido, a imagem é ferramenta que pode acrescentar mais dados à investigação.

Para Zanella (2013), várias são as possibilidades de utilização de imagens na pesquisa em variados campos, e a sua tímida presença nas pesquisas sociais [...] explicita de certa forma um contraponto entre a produção científica e a condição imagética da contemporaneidade (ZANELLA, 2013, p. 86).

A autora afirma que

[...] esse cenário vem sendo modificado na medida em que as variadas ciências se propõem a dialogar umas com as outras, com a filosofia, com a arte, e a reconhecer a dimensão discursiva de toda e qualquer imagem: reconhecer que esta é tão polissêmica e polifônica como os signos verbais sendo, portanto fundamentais às problematizações sobre o contexto atual e as pessoas que aqui vivem (ZANELLA, 2013, p. 86).

Reconhece-se que as imagens são polissêmicas, oferecem sentidos já constituídos e, ao mesmo tempo, abertos a diferentes interpretações. Elas podem ser um dos instrumentos de análise nas pesquisas qualitativas, congregadas ou não, a outros que oferecem possibilidades para desvelar o objeto de estudo em todas as suas nuances, mas cabe ressaltar que, mesmo rodeados por artefatos digitais, epistemologicamente ainda há tímida utilização das imagens nas pesquisas como analíticas e não apenas ilustrativas.

Não estamos discutindo a mera inserção de imagens na pesquisa como ilustração, mas como procedimento de análise na busca por mais elementos que possam elucidar o campo de estudo e gerar a produção de conhecimento.

Zanella (2013) discute que talvez a não presença das imagens nos relatórios de pesquisa, bem como em artigos, livros e capítulos de livro dali decorrentes, se deva ao fato de serem protegidas pelo *copyright*, cujas restrições para uso de certo modo inviabilizam sua presença; e o outro motivo para a não inclusão das imagens

diz respeito aos custos de impressão, que encarecem as publicações. A autora alerta que há avanços no uso de imagens e que essas são as dificuldades a serem enfrentadas, e importante se faz não se deixar intimidar por elas.

O uso de imagens pelos pesquisadores é um grande desafio, pois é necessário estar atento às condições em que o campo de estudo exige. Segundo Zanella (2013, p.100),

É fundamental considerar em suas análises que muitos outros signos além das palavras, imagens, sons, cores, sabores, formas, texturas têm muito a dizer sobre essas condições contemporâneas, sobre o que se vê e não se vê, sobre o que se sente ou passa despercebido, os ditos e não ditos que podem estar em confronto com as palavras proferidas ou a elas se aliar para comunicar uma determinada visão de mundo.

É necessário ressaltar que, ao utilizar as imagens, é preciso considerá-las não só como um texto sem palavras, mas como um conjunto de signos que apresentam ao processo de investigação diferentes informações que vão além de simples descrição de fatos, lugares e sujeitos, revelando infinitas possibilidades e relações para análise do pesquisador; porém ainda se discute a presença das imagens em pesquisas acompanhadas de um texto. Considera-se que a imagem vem sempre acompanhada de um texto como complemento, elas apresentam possibilidades para compor os instrumentos de análises selecionados em uma pesquisa científica, porém cabe ressaltar que seu uso ainda é pouco explorado para além de meras ilustrações, o que nos permite indagar: qual é o *status* das imagens nas pesquisas qualitativas? Como realizar uma análise semiótica nas pesquisas qualitativas?

Imagens: um caminho possível na investigação?

Considerando a afirmativa de Penn (2002), a semiologia tem sido utilizada em uma variedade de sistemas, incluindo publicações carregadas para consumo, moda, cardápios, entre outros. Nesse sentido, entende-se que, conforme aponta a autora,

“a semiologia provê o analista com um conjunto de instrumentais conceituais para uma abordagem sistemática dos sistemas de signos, a fim de descobrir como eles produzem sentidos” (PENN, 2002, p.319).

Ao considerar que vivemos em um mundo rodeado por imagens, pelas tecnologias digitais, cabe ressaltar que, em relação às formas de produção do

conhecimento científico, ainda estamos atribuindo grande *status* para o uso verbal na análise de dados qualitativos, mesmo frente a uma sociedade com inúmeros sistemas imagéticos de comunicação vigentes.

O uso das imagens às vezes apregoa uma conotação de pesquisa sem rigor científico, mas é necessário reconhecer a lógica do mundo das imagens, do uso da tecnologia digital em avanço progressivo, o que permite o modo de utilização de inúmeros instrumentos para coleta de dados (vídeos, fotografias, filmes, obras de arte etc.).

Em se tratando de imagens, como a fotografia, entre outras fontes, é necessário cuidados éticos no sentido de garantir os direitos autorais, bem como o direito do pesquisador e do pesquisado na seleção das imagens.

A fotografia é um dos instrumentos que podem ser utilizados para a coleta de dados na pesquisa. Segundo Kossoy (2002), elas são como memórias que desvendam diferentes momentos.

O autor segue afirmando que “a imagem fotográfica fornece provas, indícios, e funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade. Trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo” (KOSSOY, 2002, p.33).

Para Loizos (2002), as fotografias utilizadas como fontes de pesquisa, em muitos casos, são para analisar tempos e espaços, histórias de lugares que foram modificados, mas também podem ser utilizadas como forma de fazer uma leitura para se conseguir uma informação cultural e histórica implícita. O autor avança nas explicações alertando que as fotografias podem trazer diferentes significações, o que depende de quem as vê, analisa e interpreta.

Desse modo, a imagem pode ser uma ferramenta interessante ao ser bem explorada pelo pesquisador, com rigor epistemológico, com método fidedigno de análises, fonte rica de informações que podem ser articuladas e utilizadas com outras fontes, estabelecendo relações comparativas e aproximativas, ou simplesmente utilizadas como única fonte de coleta de dados, questão ainda pouca explorada nas pesquisas, principalmente, nas ciências humanas e sociais.

Nesse sentido, cabe indagar: com tantas imagens que circulam em nosso dia a dia, com o avanço vertiginoso da tecnologia digital, ainda há resistência em se

render a elas nos processos de interpretação de dados na pesquisa qualitativa? Essa é uma resposta que ainda demanda estudos aprofundados referentes à questão, pois há muito a considerar em relação ao uso das imagens paradas, uma vez que vivemos em um mundo cercado de imagens e equipamentos que favorecem à captura instantânea das imagens, com rapidez e recursos gráficos que permitem redução de custos e, portanto, facilidades de seu uso em diferentes situações; uma delas, nas pesquisas qualitativas, com possibilidades de ampliar o universo de análises. Dito isso, considera-se que, há um futuro promissor e crescente interesse em métodos de análise utilizando as técnicas visuais, entre elas, as imagens paradas.

As imagens: uma experiência em pesquisa

Nessa perspectiva, nossa pesquisa “A constituição das professoras em escolas da região pantaneira: uma análise histórico-cultural”, cujo objetivo foi compreender a constituição das professoras que atuam em espaços educativos na região do Pantanal, explicita como se dá a apropriação da cultura que perpassa o processo educativo. Realizada com doze professoras que atuam em escolas dos núcleos pantaneiros da região de Aquidauana e Corumbá, em Mato Grosso do Sul, utilizou, entre outros procedimentos, imagens para a coleta de dados.

Para obter as informações, foi necessário conhecer os contextos e ambientes onde se localizam as escolas pantaneiras; estabelecer as articulações entre atividade e cultura na constituição dessas professoras; analisar os elementos da cultura local que norteiam suas práticas, compreendendo a cultura local em uma configuração geral.

Em Aquidauana, foram selecionadas três escolas e, em Corumbá, optamos por uma escola denominada Escola das Águas, considerada das águas, por causa de sua localização após o rio e as características das cheias que representam essa região. Como critério, foram escolhidas duas condições: professoras que já atuaram em escolas urbanas e pantaneiras e que trabalham nas escolas do núcleo pantaneiro há pelo menos dois anos. A escolha desse critério pressupõe a vivência dessas professoras em contextos diferenciados, por se presumir que tenham outros olhares para a escola e seu ambiente específico.

Para obtenção dos dados, organizou-se uma entrevista semiestruturada, fez-se uma análise semiótica das imagens e dos textos, incluindo músicas, poesias e excertos de livros, e descreveram-se as viagens por meio de um diário de bordo. Os dados foram instituídos em categorias que representam as aproximações das respostas relacionadas às unidades de estudo, cultura e atividade. Todos procedimentos foram criados a partir de artefatos que pudessem suscitar ideias às professoras em relação ao contexto em que a escola está localizada, portanto, ao *lócus* de sua atuação.

Com esse objetivo, as imagens foram apresentadas às professoras na expectativa de que, ao observá-las, fosse possível articular as imagens e os textos ao contexto onde desempenham sua atividade, seu cotidiano, bem como a cultura que permeia o espaço pantaneiro. Cultura, nesse trabalho, segue um conceito cunhado por Santos, que nos guiou na seleção das imagens, na perspectiva de alcançar nosso objetivo.

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social, a cultura não é “algo natural” não é uma decorrência das leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana (SANTOS, 2006, p.45).

O trabalho iniciou-se quando, individualmente, cada professora recebeu o material, questionou-o e sanou as dúvidas em relação ao instrumento aplicado. De início, algumas propostas foram introduzidas, tais como: você pode escrever sobre essa imagem? O que você pensa quando olha para essa imagem? Qual o significado que essa imagem tem para você? Existe algo nessa imagem que a faz lembrar-se de sua história de vida ou profissional? O que essa cena representada na imagem oferece às suas lembranças?

Tendo como base a discussão desencadeada na pesquisa acerca das categorias “atividade” e “cultura”, selecionamos cinco imagens, fotografias do acervo da pesquisadora e capas de livros representativas da temática. Cabe ressaltar que a seleção de imagens é um trabalho árduo. Cuidados éticos e estéticos são importantes na busca de imagens que realmente possam contribuir com as discussões. As imagens precisam ser provocativas, no sentido de oportunizar ao pesquisado a interpretação e ao pesquisador respostas às questões de pesquisa

que se buscam encontrar. Logo, para apresentação e discussão deste estudo, foram selecionadas três dessas imagens.

Imagem 1 – Artefatos Culturais



Essa imagem é uma fotografia, cenário de um evento de lançamento de um livro cuja temática era a compreensão do Pantanal para além da fauna e da flora, mas para a compreensão do homem que produz a cultura. Foi tirada pela pesquisadora dois anos antes de iniciar a pesquisa. Entre tantas outras fotografias, a escolha foi criteriosa, uma vez que, ao olhar o registro dessa cena, encontramos diferentes artefatos, que remontam a contextos pantaneiros. Considerando esse signo imagético, foi proposta às professoras a seguinte reflexão:

- “A riqueza das culturas e suas relações falam bem de perto a cada um de nós. A partir dessa afirmativa e da imagem acima, descreva os signos, as marcas da cultura pantaneira que você percebe na sua prática, na escola pantaneira”.

A segunda imagem, também uma fotografia, acervo da pesquisadora, tirada em uma de suas viagens para realizar a pesquisa “A educação no processo de constituição de sujeitos: o dito nas produções e o feito no cotidiano”, foi selecionada por representar uma atividade/trabalho cuja paisagem é o Pantanal. A proposta feita às professoras foi:

- “Consideramos que cada indivíduo, ao realizar a sua atividade, constitui-se como pessoa e apropria-se dos artefatos e símbolos do lugar onde atua. Assim, você, professor (a), ao atuar na escola pantaneira, percebe que há questões diferenciadas e que contribuem para a sua trajetória pessoal e profissional? Faça um comentário”.

Imagem 2- Fotografia de barcos no Pantanal



A terceira imagem, capa de um livro, selecionada por fazer parte de um arquivo que originou de um inventário também realizado na pesquisa “A educação no processo de constituição de sujeitos: o dito nas produções e o feito no cotidiano”, da qual participamos como colaboradora, trouxe como proposta: “Considerando o Pantanal representado nessa imagem, como paisagem da escola onde você atua, como um espaço singular, mas com uma relação possível e necessária com o universal, como se expressam as relações vividas e criadas nesse local, tendo como ponto principal você e sua trajetória pessoal e profissional?”

Imagem 3- Capa do livro: Magia Pantaneira Barros (Arte da capa Leonir Barros)



Ao apresentar as imagens selecionadas, reportamo-nos à Zanella (2013) que, ancorada em Barthes (1984), afirma que qualquer imagem, incluindo a fotográfica, reapresenta um aspecto da realidade, recria algo que foi, o acontecimento que não volta mais, que não tem qualquer possibilidade de se repetir existencialmente. Assevera que, “ao rerepresentar esse momento fugaz da vida, a fotografia o faz não pelo que foi, mas pelo que da realidade foi possível ou interessou a seu autor capturar e, nesse sentido, como imagem recriar” (ZANELLA, 2013, p.84).

É, portanto,

[...] a fotografia necessariamente uma expressão daquilo que se quer (ou que se consegue) retratar, e cuja leitura é marcada por condições várias: pelo prisma do olhar de quem a produziu, pelo ângulo, intencionalmente escolhido ou não, pelas luzes e cores que se transformam no percurso entre o acontecimento e a objetivação de seu registro. (ZANELLA, 2013, p. 84).

Nesse sentido, cabe ao pesquisador selecionar cuidadosamente as imagens que podem trazer à tona a interpretação do sujeito pesquisado para reforçar seu discurso e oferecer ao pesquisador subsídios para uma análise mais densa como requer a pesquisa qualitativa.

De acordo com Kossoy, “através da fotografia dialogamos com o passado, somos os interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêm em suspensão” (KOSSOY, 2007, p.147). Ao perseguir tais ideias, tecemos algumas impressões do trabalho realizado. Ao serem apresentadas às imagens selecionadas pela pesquisadora para leitura, as professoras, em seus depoimentos, revelam o que pensam sobre as categorias cultura e atividade frente à leitura das imagens: “A cultura é tudo o que o homem deve valorizar, principalmente no Pantanal, com tanta riqueza de cultura”. (T2)¹. “Esses objetos da imagem são a cultura do Pantanal e isso nós precisamos valorizar para que as crianças reconheçam a sua cultura e não a deixe esquecida”. (T3).

No registro a seguir, a professora T4 revela que é necessário apresentar para as crianças a cultura como forma de valorizar o local onde vivem e também onde os pais trabalham, bem como onde a escola está localizada.

Eu vejo essas imagens e logo penso como é importante a cultura, os objetos que representam essa cultura e também a importância de mostrar isso para as crianças. [...] Pois cada objeto desse é um pouco da história das crianças e agora é a minha história também (T4).

Ao examinar as leituras das professoras, concordamos com a afirmativa de Aguiar (2009) que, ao analisar determinada categoria, existe a possibilidade de construir um conhecimento que pode ser generalizado a outros casos, não porque os resultados sejam estendidos a outras situações ou sujeitos pretensamente semelhantes, mas porque tal conhecimento nos permite apreender o processo, suas determinações constitutivas. Assim explicita a professora: “Essa imagem

¹ As professoras foram identificadas pela primeira letra do nome da escola, seguida de um número, sequência da entrevista que foi realizada.

representa o homem do Pantanal. Sua vida, seu trabalho, seu jeito de ser. Representa o meu aluno e, assim, eu preciso entendê-lo.” (T1).

Ainda são as professoras que revelam por meio das imagens suas impressões:

“O cotidiano do pantaneiro que pode ser representado assim, como na imagem, o lazer deles está sempre unido ao trabalho, como por exemplo, ir pescar. Eu também gosto de pescar.” (T2). As professoras estabelecem uma relação da imagem com a sua atividade e sua vivência na região pantaneira, demonstram que cada imagem representa o mundo ao seu redor, os fatos e a realidade que as cercam. Essa relação congrega a imagem ao mundo nela representado. Nessa relação, está algo que é a própria realidade representada na imagem.

Pode-se notar, por meio das respostas das professoras, que as imagens apresentadas são parte da sua realidade; são objetos, símbolos, signos ou personagens. Os registros mostram o quanto as professoras estão envolvidas na cultura da região, como sua vida pessoal está entrelaçada à vida profissional e, portanto, vão se constituindo com vínculo ao grupo ao qual estão pertencentes nesse momento.

A observação das imagens e a leitura de cada item que nelas é apresentado foram caminhos interessantes para reconhecer como as professoras se constituem nas escolas localizadas na região do Pantanal. As imagens contribuíram para ouvi-las para além da entrevista. Elas permitiram provocar diferentes interpretações que evidenciam falas com sentidos e significados que, perquiridos, ofereceram ao pesquisador inúmeras possibilidades de respostas referentes ao que se buscava entender no contexto onde as escolas estão localizadas.

Dessa forma, entende-se que as imagens contribuíram para avançar na investigação e, aliadas a outros procedimentos, trouxeram uma riqueza de leituras dos pesquisados que deram contornos à pesquisa e seus resultados.

Compreende-se que há dificuldades metodológicas, como uso adequado das imagens como instrumento de análise, respeito ao direito autoral e ao compromisso com o comitê de ética e tantas outras questões que o uso das imagens impõe. Porém, considera-se necessário superar o viés de dificuldades e conceber as imagens como meio de análise na pesquisa qualitativa, ultrapassando

o mero caráter ilustrativo para um modo de registro e de análise promissora na investigação.

Mais uma vez concorda-se com Zanella (2013), ao considerar que, se o pesquisador estiver atento às condições da realidade em que vive, velozmente transformadas sob a égide das tecnologias da informação e da comunicação que instituem o virtual como realidade, é fundamental considerar nas análises muitos outros signos além das palavras.

A autora afirma que

Reconhecer as imagens como polissêmicas, com sentidos plasmados e ao mesmo tempo abertos à possibilidade de sentidos outros, bem como polifônicos, uma vez que variadas vozes sociais ali se encontram em constante tensão, abre um franco debate sobre a inclusão de imagens como meras ilustrações dos discursos fundados na palavra escrita (ZANELLA, 2013, p.87).

A pesquisa aqui apresentada tomou novos contornos ao serem utilizadas as imagens, elas possibilitaram que as professoras revelassem, para além da entrevista, o que é cultura, como entendem esse termo e o que significa em sua prática docente. Foi possível considerar que as pessoas que vivem e/ou trabalham na região pantaneira possuem um modo de vida particular, estabelecido por seu trabalho cotidiano e pelos tons culturais particulares que o caracterizam; mas há indícios significativos e históricos de que esses tons são múltiplos, originam-se de várias localidades e, nessa origem, está a riqueza das culturas.

As imagens “falaram”, ampliaram o espectro da pesquisadora em suas análises, as fotografias e a capa do livro selecionada representaram outros sentidos, provocaram diferentes leituras, tencionaram outros significados, abriram outras possibilidades de representações sobre o tema, mas não foram únicas, houve um diálogo longo e outros sentidos foram atribuídos por meio de diferentes procedimentos (entrevista, trechos de músicas, diário de bordo). Porém, as imagens foram singulares, enunciaram e evocaram muitos sentidos; entende-se que uma imagem não representa o contexto em si, mas parte dele, sob uma determinada condição, escolha e seleção de quem a produziu.

Considera-se que a imagem é uma possibilidade em pesquisa nas ciências humanas e sociais, que há avanços em seu uso, principalmente ao se considerar o progresso das tecnologias digitais e o avanço visual que rodeiam nosso cotidiano

diariamente; mas, em se tratando da produção de conhecimento nas áreas em discussão, considera-se que ainda haja indagações: como articular textos e imagens na coleta de dados? Como selecionar as imagens intencionalmente sem direcionar o olhar do pesquisado? Como respeitar as questões éticas e estéticas no uso de imagens? Como usar as imagens como única fonte de dados? Com certeza, há outras questões que permeiam esse universo imagético, mas é preciso avançar, não somente nas discussões, mas no uso das imagens como fonte de pesquisa e possibilidade de ampliar os dados em uma pesquisa de cunho qualitativo.

Considerações

Ao concluir, entende-se que, nos limites dessa discussão, não estamos concluindo e afirmando verdades absolutas sobre o uso das imagens na pesquisa, mas provocando indagações que ainda podem ser alvo de reflexão: as imagens são fontes de pesquisa e respondem ao pesquisador suas inquietações? Podem ser utilizadas sem se agregar a outros instrumentos? Seria possível fazer teses e dissertações com bases em imagens como texto analítico?

Entre vários recursos metodológicos de que dispomos para o trabalho de pesquisa com abordagem qualitativa, considero que a escolha do pesquisador é parte de sua criatividade como alguém que busca compreender um determinado fenômeno e, portanto, qualquer instrumento deve ser bem selecionado, com o rigor e a cientificidade que um trabalho de pesquisa exige. Essa criatividade, aliada ao compromisso do pesquisador com a pesquisa, move o pesquisador e o faz dialogar para além da imagem como instrumento ilustrativo, isto é, como uma possibilidade de análise profícua na condução do diálogo entre pesquisador e pesquisado.

Consideramos que essa discussão é inicial, pois há muito a ser discutido em relação ao uso de imagens no processo de pesquisa. Nesta pesquisa, apresentada como ilustração de tal discussão, considera-se ser preciso ressaltar que, ao pesquisador, compete fidelizar, comprovar, valorizar e tornar público o processo de produção de conhecimento e as bases metodológicas que contribuíram para essa produção, como forma de suscitar outros estudos que avancem nessa discussão necessária frente ao crescimento da produção de conhecimento e,

principalmente, do mundo rodeado por imagens e avanços tecnológicos que nos permitem cada vez mais nos apropriar dos artefatos imagéticos e promover análise semiótica em pesquisas qualitativas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. J. de; LIEBESNY, B.; MARCHESAN, E. C.; SANCHES, S. G. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M. **Dimensão subjetiva da realidade**: uma leitura sócio-histórica: São Paulo: Cortez, 2009.

BARROS, L. **Magia Pantaneira**. Campo Grande: Associação de Novos escritores, 2004.

BARTHES, R. **A câmara clara**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

GASKELL, G.; BAUER, M. **Pesquisa Qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2011.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2002.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PENN, G. Análise Semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ZANELLA, A. V. **Perguntar, registrar, escrever**: inquietações metodológicas. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2013.